

Uma revista antenada na TV: possibilidades e iniciativas à televisão brasileira nas páginas de *O Cruzeiro* – década de 1950.

Eduardo Amando de Barros Filho *

Resumo: No Brasil, igualmente aos EUA e opostamente à Europa, a TV nasceu privada. Porém, já durante a década de 1950, a imprensa impressa não deixaria de apresentar e divulgar propostas e reflexões de outros rumos à TV brasileira que não se restringissem ao modelo comercial. Neste quadro, destacar-se-ia a revista *O Cruzeiro*. Assim, esta comunicação objetiva precisar e analisar historicamente às projeções sobre os rumos da TV brasileira que foram apresentadas nas páginas de *O Cruzeiro* e a forma como o material ocupado com tal questão foi divulgado no periódico em tempos dos primeiros passos do meio em terras brasileiras.

Palavras-chave: televisão no Brasil – revista *O Cruzeiro* – possibilidades e iniciativas

Abstract: In Brazil, as in the United States and oppositely to Europe, the TV was born private. However, yet during the 50s, the printing press wouldn't let to present and spread proposals and reflections about other courses to Brazilian TV that hadn't restricted to the commercial model. In this picture, it would be outstanding *O Cruzeiro* magazine. So, this communication aims to accurate and analyze the projections, historically, on the courses of Brazilian TV that were presented on *O Cruzeiro* pages and the manner how the material was occupied with such question was spread on the periodical in time of early steps in the middle in Brazilian lands.

Key Words: TV in Brazil – *O Cruzeiro magazine* – possibilities and initiatives

No início dos anos 1950, a televisão já se consolidava em alguns países, e também chegava ao Brasil. No dia 18 de setembro de 1950, Assis Chateaubriand, proprietário do conglomerado de rádios e jornais conhecido como Diários Associados, inaugurava a pioneira TV Tupi, Canal 3 de São Paulo. Era a primeira também da América do Sul. Nos anos seguintes, surgiram a TV Paulista, a TV Rio e a TV Record, todos canais exclusivamente comerciais, instalados no Rio de Janeiro e em São Paulo. A televisão brasileira, como a americana, nasceu privada, trazendo, no início, modelos de programação já consagrados no rádio. Dessa forma, foi o modelo privado que ganhou hegemonia e estabeleceu regras no campo televisivo nacional, tal como acontecera anteriormente com o rádio. Os telespectadores brasileiros somente veriam o surgimento de modelos de TV educativo-cultural pública após quase duas décadas do funcionamento regular da primeira emissora do Brasil.

* Mestrando em História pela FCL – UNESP/Assis. Bolsista Fapesp.

Porém, já durante a década de 1950, a imprensa impressa não deixaria de apresentar e divulgar propostas e reflexões de outros rumos à TV brasileira que não se restringissem ao modelo comercial. Neste quadro destacar-se-ia a revista *O Cruzeiro*. E não poderia ser diferente, pois o periódico integrava o condomínio comunicacional de Assis Chateaubriand, um dos maiores interessados no desenvolvimento da televisão no Brasil, posto que já concessionário de outras emissoras. Nas décadas de 1930, 1940 ou 1950, quando se buscava em uma revista informação cultura ou entretenimento, lia-se, muito provavelmente, *O Cruzeiro*.

O Cruzeiro trazia um pouco de tudo e se dirigia a todos, homens e mulheres, jovens ou não, longe da preocupação hoje obrigatória de descobrir as preferências de cada um, seus gostos, expectativas ou estilos de vida. Era a revista da família brasileira. Tanto é verdade que, em 1950, o Ibope realiza uma pesquisa sobre a família leitora de O Cruzeiro, através da qual ficamos sabendo que o seu padrão médio era constituído por pouco mais de cinco pessoas: homens, mulheres, crianças menores de dez anos, crianças com mais de dez anos e “creados”. Cada exemplar encontrava os mais diversos tipos de leitores dentro da mesma casa, percorrendo, como se vê, diferentes sexos, idades e classes sociais (Mira, 2008: 13).

Nas mãos de Assis Chateaubriand, a revista *O Cruzeiro* alcançou enormes tiragens e se transformou em ícone das revistas ilustradas e de variedades. Com circulação nacional desde 1928, a revista atravessa as décadas de 1930 a 1960 como veículo nacional responsável pela crônica social, política e artística não apenas do Brasil, mas do mundo, contando para tanto com correspondentes estrangeiros, fato inédito, até então, no Brasil.

Assim, esta comunicação objetiva precisar e analisar historicamente as projeções sobre os rumos da TV brasileira que foram apresentadas nas páginas de *O Cruzeiro* e a forma como o material ocupado com tal questão foi divulgado no periódico em tempos dos primeiros passos do meio em terras brasileiras. A coluna “Back Ground”, assinada por Fernando Tude de Souza e posteriormente por Mário Camarinha da Silva, é a responsável, nesse período, pela veiculação das matérias referentes à televisão na revista. Sendo assim, será ela o principal foco de análise do presente trabalho.

Já em 1951, a revista *O Cruzeiro*, apresentou, com frequência, usos e possibilidades para a televisão como agente atuante no campo educacional. Um exemplo disso é “Aulas pela televisão”, matéria publicada no dia 28 de abril, onde foi relatada uma palestra do Dr. Zworikyn¹, no Rio de Janeiro, sobre um caso ocorrido em Minneapolis nos Estados Unidos, onde professores e auxiliares de ensino entraram em greve por melhores salários e a TV foi usada em substituição. Calculou-se que 40 mil alunos puderam se beneficiar dessas tele-aulas. Sendo assim, o periódico enfatizou o futuro fabuloso da televisão no campo educacional, e a não atenção das autoridades brasileiras para esse uso:

É fácil compreender o que a última maravilha do nosso século será capaz de fazer pela educação. Muitos países já estão utilizando a TV para disseminar a educação no seio do povo. (...) No Brasil, onde se cuida de construir uma cidade universitária, talvez as autoridades fiquem surdas às propostas já formuladas para criação de um completo departamento áudio-visual para auxiliar o ensino (O Cruzeiro. 28 de abril de 1951, p. 49).

Ainda sobre esse assunto, em matéria publicada no dia 26 de maio de 1951, na mesma coluna, intitulada “A TV toma conta das universidades”, a revista relatou casos americanos de utilização da TV como instrumento educativo nas universidades:

Para a educação dos adultos também está tendo ampla aplicação a televisão. Várias universidades já se acham trabalhando e com grande êxito, destacando-se, mais recentemente, a universidade de Luiseville, que iniciou uma série de debates sobre os romances modernos. Na universidade de Cincinatti, o campo preferido é uma Academia de Música (O Cruzeiro. 26 de maio de 1951, p. 96).

No dia 9 de junho de 1951, a revista *O Cruzeiro*, mostrou um exemplo prático da utilização da televisão com finalidade educativa, e que estava funcionando no Brasil. Exemplo esse, com o intuito de mostrar, para aqueles que ainda custam a enxergar, o valor educativo que pode ter a televisão. A matéria nomeada “Televisão e o tráfego” relata:

Quem ainda tiver dúvida do valor da TV, como veículo de educação, deve procurar acompanhar o trabalho que, às terças-feiras se realiza através do Canal Número 6, isto é, o da TV Tupi, o Major Geraldo Menezes Cortes, Diretor-Geral do trânsito na Capital do Brasil. Que benefício enorme para nossa população em geral advém daquelas explicações simples e convincentes. (...) Aquilo distrai e educa, e, ao mesmo tempo representa uma aplicação admirável da técnica das comunicações (O Cruzeiro. 9 de junho de 1951, p. 48).

Outro exemplo da disposição da revista *O Cruzeiro* em apontar outros rumos além dos utilizados até então pela televisão brasileira, valendo-se de exemplos ocorridos em outros países, é a matéria “A TV como fiscal do povo”, onde cita um exemplo norte-americano que poderia ser adotado no Brasil:

Uma estação de TV de Oklahoma, Estados Unidos, conseguiu permissão para televisar as sessões da Câmara Estadual. Os jornais protestaram. E pouco depois contaram com o apoio dos deputados. Foram os dois representantes do povo surpreendidos completamente alheios ao trabalho parlamentar. Um lia tranquilamente o jornal durante os debates. Outro dormia como um justo. Nem os debates o tiraram dos braços de Morfeu... Talvez esta seja a aplicação mais nova da TV: fiscal do povo no trabalho dos seus representantes. Se a moda pega... vai haver o diabo aqui Rio e em São Paulo... (O Cruzeiro. 16 de junho de 1951, p. 48).

Em matéria publicada em novembro de 1951, a revista valeu-se de mais um exemplo norte-americano e mostrou que a TV brasileira poderia segui-lo. A matéria intitulada “A

televisão e o trabalho escolar nos EE. UU.” trata da influência da televisão sobre as crianças e a necessidade dos professores receberem cursos sobre a aplicação de materiais audiovisuais:

A Associação Nacional de Educação dos Estados Unidos, com sede em Washington, realizou recentemente um inquérito junto aos professores primários para saber como a TV estava influenciando junto aos alunos. As respostas variaram muito. (...) Mas, a maioria dos professores opinou que a TV, sobretudo depois que está abandonando os filmes de “mocinhos” e exibindo filmes educativos, está contribuindo, em muito, para ampliar o interesse dos alunos por determinados assuntos. Acha a maioria que os professores deviam receber, doravante, em todas escolas normais ou institutos de educação, cursos especiais sobre a melhor aplicação do material audiovisual, prática que já se encontra nos principais estabelecimentos formadores de mestres-escola norte-americanos. Que o Brasil se mire neste exemplo (O Cruzeiro 3 de novembro de 1951, p. 49).

O Cruzeiro, também procurou mostrar, em suas páginas, a necessidade de uma legislação que regulamentasse as atividades relativas a esse novo meio, ressaltando a participação das pessoas envolvidas com a televisão na confecção desta. Novamente, citando os Estados Unidos, que teve aprovado seu Código de TV em 1951, a coluna descreve:

Foi aprovado, no fim do ano passado o novo Código de Televisão dos Estados Unidos. A associação de classe do rádio e da televisão se encarregou da feitura do trabalho que foi aprovado unanimemente pelas estações estadunidenses. O Código encara todos aspectos da TV e será oportunamente comentado nesta seção como um meio de cooperar para o estabelecimento das garantias necessárias para a televisão no Brasil quando o assunto for ventilado pelo Congresso Nacional. O notável no trabalho americano é que os homens do rádio e da televisão tomam iniciativa de preparar o seu Código (O Cruzeiro. 16 de fevereiro de 1952, p. 49).

Não só de apontar novas possibilidades, ou de mostrar modelos adotados por outros países, a revista *O Cruzeiro*, em sua coluna “Back Ground”, preocupou-se nesse início da televisão brasileira. Mas, também, ocupou-se em divulgar iniciativas que propunham a adoção de um modelo televisivo diverso ao adotado até então. A revista mostrou, em 1952, desde os primeiros passos, a pioneira tentativa de implantação de uma televisão educativa e cultural no Rio de Janeiro. O idealizador desse projeto foi Edgard Roquette-Pinto, pioneiro da radiodifusão e empreendedor contumaz do setor. Porém, como a história nos mostra, o sonho de Roquette-Pinto não se realizou. O empreendimento acabou não tendo continuidade por uma série de questões políticas. Em seu projeto, promovia que, com a criação de um canal de televisão, no DF, e mantido com recursos públicos, poder-se-ia fazer uma televisão com o caráter cultural-educativo, diferentemente do modelo até então adotado no Brasil, pelas emissoras existentes até o momento. Em suas páginas, com o título “A prefeitura do distrito e a televisão”, a revista enalteceu o projeto, sem deixar de frisar a contribuição do pioneirismo do Sr. Assis Chateaubriand:

O Brasil, tudo indica, marcha a passos largos para ser dos países do mundo que maior utilização farão da televisão. Quando se prepara a nova arrancada é justo destacar o papel de pioneirismo do Sr. Assis Chateaubriand, o realizador da TV nas duas principais cidades brasileiras, sem medir sacrifício, vencendo toda série de obstáculos, pagando o caro tributo que sempre é exigido dos que começam as estradas em terrenos inteiramente virgens. (...) Compreendendo o esforço da iniciativa privada, desejando cooperar com o que o Poder Público deve levar de estímulo e de auxílio ao desenvolvimento das iniciativas fadadas para a promoção do bem coletivo, o Prefeito do Distrito Federal, Sr. João Carlos Vital, acaba de anunciar que a Municipalidade não apenas terá a sua estação de televisão, como ainda tomará uma série de medidas que visam fornecer, por todos os meios, o desenvolvimento da TV na Capital do Brasil. (...) Disse textualmente que a TV-Roquette-Pinto (para a Câmara de Vereadores, por unanimidade, lhe concedeu a verba de 15 milhões de cruzeiros) não fará concorrência, pois será uma estação exclusivamente educativa e cultural. Tentando uma TV mais com base no teatro que no rádio, seguirá as linhas mestras da programação da BBC de Londres, tendo o ensino e a tele-reportagem educativa como os fortes de sua programação. (...) Assim sendo, o Governador da Cidade, um homem que acredita na técnica e na ciência, com o auxílio e a compreensão dos Vereadores do Distrito Federal, entra na trilha desvendada pelo dinamismo do Sr. Assis Chateaubriand, e, a seu lado trabalhará para que a maravilha do nosso século seja cada vez mais colocada a serviço do povo (O Cruzeiro. 26 de janeiro de 1952, p. 49).

Em março de 1952, a coluna “Back Ground”, em matéria intitulada “A televisão do distrito federal”, ateu-se ao anúncio da formação de uma comissão para o estudo da TV educativa do DF, a qual, o próprio Fernando Tude de Souza, responsável pela coluna, faria parte:

Já foi nomeada pelo Governador da Cidade a Comissão Técnica da televisão da Prefeitura. Está a mesma composta pelos seguintes membros: Professor Edgard Roquette-Pinto, presidente; Coronel Lauro Medeiros, Engenheiro José de Oliveira Reis e Prof. Fernando Tude de Sousa (O Cruzeiro. 1 de março de 1952, p. 45).

No mesmo mês, em um curto espaço de tempo, a Comissão Técnica de Televisão (CCT), conseguiu a concessão do canal que seria operado pela TV Roquette-Pinto. Como noticiou a revista, em sua costumeira coluna sobre o assunto, “A TV Roquette-Pinto trabalhará no Canal Número Dois da faixa de televisão. Deverá estar no ar no princípio de 1953” (O Cruzeiro. 22 de março de 1952, p. 41).

A revista seguiu cobrindo os passos da futura televisão do DF, porém, a partir de 19 de abril, Fernando Tude de Souza, deixou a coluna “Back Ground”, a qual estava prestando serviços temporários, para volta de Mário Camarinha da Silva. Noticiou esse, sobre as reuniões da CCT, as viagens aos Estados Unidos, tanto para aprimoramento dos envolvidos no projeto, assim como as idas para o acerto da compra dos equipamentos necessários para o funcionamento do novo canal de televisão.

O Cruzeiro, se propôs, desde o início da década de 1950, a fazer projeções, através do que ocorria no mundo, para a televisão brasileira. Assim sendo, a coluna “Back Ground”, já em 1952, tenta projetar as características que deverão conter os diferentes modelos televisivos

(educativo e comercial), existindo concomitantemente no Brasil. Ficando o entretenimento a cargo da iniciativa privada e uma programação cultural-educativa à iniciativa pública:

(...) É evidente que, mesmo nos Estados Unidos, com todo progresso havido em questões de televisionamento, não se pode sonhar para breve um segundo sistema de televisão – diferentemente do primeiro, entregue sobretudo às artes de divertimento – fosse servir à difusão educacional exclusivamente. Iniciativas desse gênero surgirão, porém, no dia em que as Instituições que têm o seu cargo a educação técnico-profissional, entre outras as poderosas Universidades americanas, se convençam do primado da televisão como meio educacional. Em países como o nosso, os governos federais e estaduais, por seus vários departamentos e institutos, é que poderão, no futuro, encarregar-se da televisão educativa. Esporadicamente, creio que em futuro não longínquo algo terá de ser feito nesse sentido, porque de outra forma não se justifica quase a existência de estações oficiais de televisão. As atuais estações da Tupi, e logo as outras estações particulares prestes a aparecer por estas bandas, se encarregarão do divertimento para o público sem maiores dificuldades. As estações oficiais é que, naturalmente, terão que arcar com a parte educativa: não há por onde fugir. (O Cruzeiro, 5 de julho de 1952, p. 49).

Através das páginas da revista *O Cruzeiro*, podemos notar que em um período em que a televisão ainda engatinhava no Brasil, o periódico buscava mostrar exemplos e possibilidades para TV brasileira. Com a análise apenas desse início da década de 1950, é possível notar o quanto a revista buscava atentar seus leitores para o vasto campo de atuação possível à televisão. *O Cruzeiro*, assim como outros periódicos, deu uma importante contribuição para o desenvolvimento e difusão da televisão no Brasil, ajudando assim a constituição de um meio, que passou a possuir uma enorme abrangência social capaz de formar e influir em questões nacionais e internacionais, bem como colaborar sobremaneira para alterar comportamentos.

Referências Bibliográficas

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BUCCI, Eugênio (org). *A TV aos 50. Criticando a televisão brasileira em seu cinquentenário*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CARMONA, Beth (org.). *O desafio da TV pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: TVE Rede Brasil, 2003.

FERREIRA, Jorge e NEVES DELGADO, Lucilia de Almeida (orgs.). *O Brasil republicano. O tempo da experiência democrática*. Da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

JEANNENEY, Jean-Noël. *Uma história da comunicação social*. Lisboa: Terramar, 1996.

LIMA, Jorge Cunha. *Uma história de TV Cultura*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – Fundação Padre Anchieta, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MILANEZ, Liana. *TVE Brasil: cenas de uma história*. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SIMÕES, Inimá. *A nossa TV Brasileira: por um controle social da televisão*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

¹ Dr. Zworikyn, chamado o “pai da televisão”, primeiro a realizar transmissões com tubos catódicos, em 1923, nos laboratórios da Westinghouse. Em 1929 transfere-se para a americana RCA.